

Estudantes da UFRGS e o vestibular: dados de um estudo empírico longitudinal sobre suportes¹

André Carlos MORAES²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo apresenta os fundamentos teóricos e resultados empíricos de um estudo com estudantes de primeiro ano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que foram observados os suportes de leitura e estudo escolhidos para contato com a lista de leituras obrigatórias do vestibular. Os dados dizem respeito a três rodadas de levantamento, em 2011, 2014 e 2016, durante as quais 667 estudantes responderam a questionários autoaplicados distribuídos em sala de aula. Entre os fenômenos observados estão a complementaridade de suportes de leitura, a sobreposição de meios e uma tendência à multiplicação de plataformas. O trabalho integra uma pesquisa sobre transformações de práticas de leitura ligadas ao livro.

Palavras-chave

Produção editorial; livro; vestibular; suportes; leitura.

Introdução

O trânsito entre o texto impresso e o eletrônico, a concorrência de meios audiovisuais com a cultura escrita e o possível impacto deste contexto na produção e consumo de livros são temas presentes nas discussões sobre Comunicação ao longo dos últimos anos, e de interesse especial para a área de produção editorial, um dos eixos da Divisão Temática 6 (DT6) da Intercom, dedicada às Interfaces Comunicacionais. Este trabalho faz parte de uma pesquisa que buscou obter e discutir dados empíricos, junto a leitores, para ajudar na compreensão deste panorama informacional. O presente artigo apresenta resultados que integraram a tese de doutorado *Leitores Multiplataforma: o livro em um contexto de múltiplos suportes, a partir da prática de estudantes universi-*

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Doutor em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM UFRGS)

tários³, defendida no PPGCOM UFRGS em março de 2017, com orientação de Ana Cláudia Gruszynski.

A pesquisa buscava observar práticas de leitura e estudo de jovens, com o objetivo de analisar seu uso de suportes comunicacionais em um contexto comparativo. Como amostra, optou-se por selecionar grupos de estudantes universitários de primeiro ano da UFRGS, escolhidos a partir dos cursos com maior densidade de candidatos por vaga no vestibular da instituição, sendo amostrado um curso de cada Grande Grupo da classificação da Capes. Foram realizadas três rodadas de pesquisa quantitativa, em 2011, 2014 e 2016, em que os alunos participantes responderam a questionários auto-preenchidos distribuídos em sala de aula sobre hábitos de leitura e táticas de estudo. A composição da amostra encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1. Composição da amostra quantitativa ao longo das três rodadas da pesquisa

Curso	Código	2011	(%)	2014	(%)	2016	(%)
Biologia	BIO	26	26%	–	–	25	35,71%
Ciência da Computação	COMP	29	29%	11	11%	30	42,86%
Direito	DIR	37	52,86%	33	23,57%	–	–
Engenharia Civil	ENG	26	17,33%	31	19,38%	–	–
Jornalismo	JOR	–	–	34	68%	33	94,29%
Letras	LET	26	12,09%	31	35,63%	–	–
Medicina	MED	32	22,86%	33	23,57%	–	–
Psicologia	PSI	21	52,50%	31	77,50%	–	–
Publicidade e Propaganda	PP	29	58%	32	64%	31	88,57%
Relações Públicas	RP	–	–	–	–	16	45,71%
Veterinária	VET	37	42,05%	33	34,38%	–	–
TOTAL		263	–	269	–	135	–
TOTAL GERAL 667							
ALUNOS							

A Tabela 1 inclui os cursos amostrados, o número de alunos que participaram em cada um deles e o percentual desta amostra dentro do ingresso anual daquele curso na UFRGS. No caso da turma de Direito de 2011, por exemplo, os 37 estudantes pesquisados representavam 52,86% da turma de calouros daquele ano.

O principal indicador adotado na pesquisa foi a lista de leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS. Todo ano, a universidade indica uma lista de 12 obras de literatura brasileira e portuguesa para que os candidatos leiam a fim de responder à prova de

³ O trabalho se encontra disponível no repositório institucional da UFRGS em www.lume.ufrgs.br.

Literatura. Optou-se por acompanhar este indicador porque ele representa uma lista de obras com dimensão canônica, associadas ao livro impresso, mas com a qual os estudantes poderiam ter entrado em contato também através de outros suportes, tanto impressos quanto audiovisuais.

A seção a seguir apresenta referências teóricas para o trabalho. A seguinte apresenta os resultados da pesquisa. Nas Considerações Finais, realiza-se uma síntese.

Fundamentos teóricos

Toda uma linha de investigação se formou a partir da preocupação com as transformações conceituais sofridas pelo livro no contexto das novas tecnologias. O historiador Robert Darnton deu voz a uma dessas preocupações em *The Case for the Book* (2009), onde pergunta “Que terreno em comum existe entre os velhos livros e os *e-books*? Que vantagens mútuas ligam as bibliotecas à Internet?”⁴ (DARNTON, 2009, vii).

Esta preocupação, em termos mais fortes, é sintetizada pelo comentário de Roger Chartier a respeito da multiplicação de textos por via eletrônica:

Esta oposição essencial entre um mundo de descontinuidade material referente às diferenças textuais ou às pluralidades de uso de um lado, e, de outro lado, um continuum de textos portado por um objeto único e que dá a estes textos formas similares, tem consequências, me parece, muito profundas e que, temporariamente ao menos, substituem a antiga ordem dos discursos pelo que poderíamos chamar de uma desordem dos discursos, se nos referimos às categorias antigas.⁵ (CHARTIER, 2001, não paginado)

As questões de pesquisa formuladas pelos historiadores como Chartier e Darnton em relação às continuidades e descontinuidades do livro na fronteira com o texto eletrônico vão além das especulações sobre mercado e futuro editorial. Em alguma medida, trata-se de procurar reenquadrar teoricamente o livro, procurar compreender o funcionamento de novas dinâmicas de produção e disseminação de textos em um contexto potencialmente transformado pelas novas práticas culturais advindas, em parte, de novas tecnologias. É este o conflito teórico sintetizado na expressão “desordem dos discursos” mencionada por Chartier, alusão que também dialoga com Michel Foucault.

Extensões recentes desta linha investigativa incluem o amplo estudo de John B. Thompson sobre transformações na indústria do livro contido nos títulos *Books in the digital age* (2008) e *Merchants of culture* (2012). Ali o autor se debruça sobre as mu-

⁴ Original em inglês. Esta é uma versão do autor deste artigo.

⁵ Original em francês. Esta é uma versão do autor deste artigo.

danças no mercado editorial no século XXI a partir de um extensivo trabalho empírico. Thompson entrevistou centenas de agentes ligados à indústria do livro no Reino Unido e Estados Unidos, compondo um painel descritivo da constituição do mercado e das práticas em transformação dentro dele. Thompson enfatiza que “tecnologias devem sempre ser contextualizadas – isto é, elas devem sempre ser analisadas em relação aos contextos sociais específicos nos quais elas são desenvolvidas e usadas, e daí em relação ao que os usuários realmente fazem com estas tecnologias”⁶ (THOMPSON, 2008, p.317). Este é um dos embasamentos para a abordagem da pesquisa descrita aqui.

A dimensão da apropriação e do uso social constitui também o que alguns autores chamam de “ecologia de meios” (FULLER, 2007, p.2). Matthew Fuller menciona “uma linha de estudo na qual a literatura se torna parte de um subgrupo de mídias, e portanto de armazenamento discursivo, cálculo e sistemas de transmissão”⁷ (FULLER, 2007, p.4). Fuller descreve, em *Media Ecologies: materialist energies in art and technoculture* (2007), algumas instâncias da interação entre diversas mídias. Analisando desde o funcionamento de rádios piratas em Londres (FULLER, 2007, p.13) até memes na rede mundial de computadores (FULLER, 2007, p.109), ele tenta identificar modos de interação, padrões dentro da interpenetração dos meios. O trecho reproduzido abaixo integra uma de suas descrições sobre tecnologias de áudio, mas resume um processo que pode ser generalizado para outras situações em que há suportes sendo mesclados:

A multiplicidade é induzida por dois processos: a instanciação de elementos posicionais particulares e o estabelecimento de relações transversais entre eles. A ecologia de meios é sintetizada pela combinação fragmentada de partes. Esta “unidade” é assim criada pelo desequilíbrio, o fato de que as coisas se movimentam, pelas relações assimétricas de estarem em meios. Cada fragmento composicional, cada item da lista, pode – enquanto estiver sob o efeito de algum esquema gramático nomeável como um objeto ou uma coisa inteira – abrir para outros campos permutacionais. Cada parte, então, forma um eixo no qual esta colcha de retalhos mutante pode ser conectada.⁸ (FULLER, 2007, p.16)

A descrição técnica de Fuller no trecho acima dá conta de um processo de integração de meios múltiplos. A criação de modelizações que tentam descrever dinâmicas genéricas de permuta entre diferentes plataformas faz parte da técnica argumentativa de Fuller. Este autor é adotado como referência justamente pela sua intenção de descrever um processo que não é composto por meios individuais mas pela interação entre eles – o que ele descreve como “estabelecimento de relações transversais” (Idem).

⁶ Original em inglês. Esta é uma versão do autor deste artigo.

⁷ Original em inglês. Esta é uma versão do autor deste artigo.

⁸ Original em inglês. Esta é uma versão do autor deste artigo.

Em um nível menos abstrato, há modelos analíticos que comparam, por exemplo, narrativas impressas e audiovisuais em termos de complementaridade de mercado. John B. Thompson faz isso quando menciona que as adaptações cinematográficas impulsionam as vendas dos livros e são utilizadas pelas editoras como um gatilho para o interesse do leitor (THOMPSON, 2012, p.278), fenômeno às vezes chamado “movie tie-in” (THOMPSON, 2012, p.281). Analogamente, em *The Late Age of Print* Ted Striphas menciona que a série Harry Potter se tornou “icônica além do mundo literário” ao “inspirar filmes e franquias de produtos”⁹ (STRIPHAS, 2011, p.141).

Outros conceitos usados em análises de mídia envolvem a simbiose entre narrativas em livro e as audiovisuais. Propondo o conceito de “remediação”, Jay David Bolter e Richard Grusin falam das interpenetrações entre narrativas clássicas e os filmes ou animações (BOLTER; GRUSIN, 2000, p.147). Henry Jenkins fala das narrativas transmidiáticas, nas quais “para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais” (JENKINS, 2008, p.47), o que pode incluir a tevê, livros, cinema e Internet.

Uma obra também referenciada vem da confluência entre os estudos comunicacionais e os de estética. Em sua obra *Frutos Estranhos: Sobre a Inespecificidade na Estética Contemporânea*, a argentina Florencia Garramuño (2014) faz uma investigação de tendências culturais e mesmo sociais levada a cabo através da análise de vanguardas artísticas, enquanto indicadoras de momentos de transformação e possibilidades exploratórias. Embora se trate, neste caso, de um estudo na esfera da produção, ele representa interesse para a temática presente ao discutir a hibridação de diferentes formatos, meios e conteúdos de expressão.

A hipótese principal desenvolvida por Garramuño é que em algumas das produções artísticas contemporâneas brasileiras e latino-americanas a deliberada corrosão de limites entre as formas de expressão, suportes e discurso, por parte dos artistas, delimita um espaço de não pertencimento que termina, justamente, criando uma identidade do inespecífico, uma arte que se recusa a ser confinada a um único jogo de regras e enunciados possíveis e assim passa a ocupar novos lugares, tanto do ponto de vista estético quanto do discursivo. Uma síntese desse raciocínio é dada neste postulado: “Seria precisamente porque a arte das últimas décadas teria abalado a ideia de uma especificidade,

⁹ Original em inglês. Esta é uma versão do autor deste artigo.

além da especificidade do meio, que cada vez há mais arte multimídia ou o que poderíamos chamar de ‘arte inespecífica’”. (GARRAMUÑO, 2014, p.16)

Embora provindos de diferentes matrizes teóricas, os autores referenciados apresentam tentativas recentes de enquadrar teoricamente a questão da multiplicidade de meios ou suportes. É esta preocupação de pesquisa que tenta responder às perguntas sobre o futuro do livro a longo prazo, conforme elaboradas por Darnton (2009) e Charrier (2001). Seguindo a linha adotada por Thompson (2008), este trabalho procura fazer esta investigação a partir de uma abordagem empírica junto a leitores ou usuários dos diferentes suportes. É neste propósito que se tornam importantes os dados apresentados na seção a seguir.

Resultados da pesquisa

São mostrados abaixo dados das três rodadas de levantamento com alunos da UFRGS realizadas entre 2011 e 2016. Os resultados exibidos na Tabela 2 dizem respeito às percentagens de uso dos diferentes suportes empregados para tomar contato com os livros da lista de leituras do vestibular. O formulário entregue aos estudantes para preenchimento pedia que eles assinalassem, para cada um dos doze títulos da lista de leituras naquele ano, quais suportes haviam adotado. Havia uma relação de categorias predefinidas contidas no quadro de resposta, tanto contemplando acesso ao texto integral (livro, xerox, texto em computador, e-book) quanto categorias de resumo ou acesso a conteúdo parcial (aula, resumos impresso e da Internet, filmes, audiolivro). Também constava uma opção Outros.

Tabela 2 - Percentuais de uso dos suportes entre 2011 e 2016

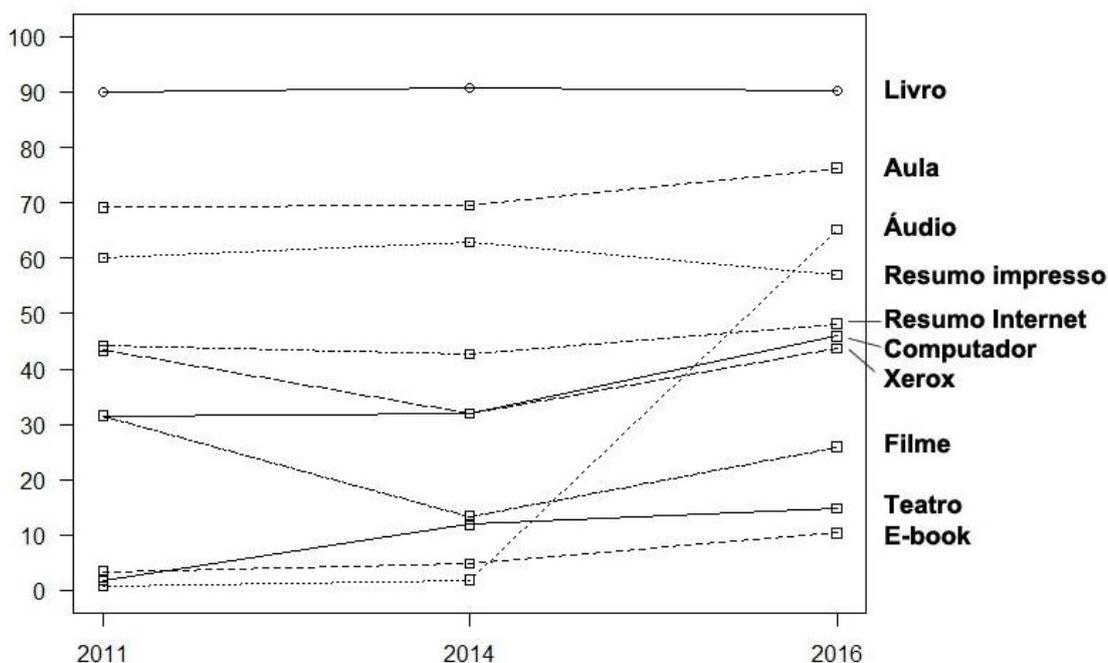
Suporte	Ano 2011	Ano 2014	Ano 2016
Livro	90,11%	90,71%	90,37%
Aula	69,20%	69,52%	76,30%
Resumo impresso	60,08%	62,83%	57,04%
Resumo Internet	44,11%	42,75%	48,15%
Computador	31,56%	31,97%	45,93%
Xerox	43,35%	31,97%	43,70%
Filme	31,56%	13,38%	25,93%
E-book	1,90%	11,90%	14,81%
Outros: Teatro	3,42%	4,83%	10,37%
Áudio	0,76%	1,86%	65,19%
Outros: Slides	0,00%	0,37%	0,00%
Outros: Palestra	1,14%	0,37%	0,00%
Outros: Youtube	0,00%	0,00%	1,48%
Outros: Sarau	0,00%	0,00%	0,74%

Entre 2011 e 2016 as amostras do levantamento têm tamanhos diferentes (conforme Tabela 1), motivo pelo qual o parâmetro de comparação deve ser feito pela porcentagem. A Tabela 2 mostra as porcentagens de alunos que assinalaram cada categoria do formulário. Como se nota, o livro foi o formato preponderante por margem muito próxima nas três rodadas (90,11% em 2011, 90,71% em 2014 e 90,37% em 2016), o que tem relevância metodológica ao apontar coerência entre as amostras.

Um detalhe são as categorias que surgiram espontaneamente dentro da tabulação. O formulário de categorias de suporte foi o mesmo desde 2011 e não possuía, por exemplo, Teatro e Palestra. Eles constam na Tabela 2 a partir de um desdobramento da opção “Outros (especificar)” da grade de respostas. A categoria Teatro se consolidou ao longo da pesquisa, aparecendo consistentemente de forma espontânea ao longo das três rodadas. Já Palestra não mostrou o mesmo padrão, desaparecendo em 2016. Na última rodada, aparece uma marcação de Sarau, com apenas um aluno, e também, pela primeira vez, duas indicações de Youtube, um indicativo adicional da presença crescente desta plataforma em anos recentes, como já se discutia na seção anterior.

Uma visualização mais intuitiva das categorias de acesso está no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Percentuais de uso dos suportes entre 2011 e 2016



O Gráfico 1 mostra visualmente os principais dados que aparecem de forma mais completa na Tabela 2. Nota-se a linha superior, isolada das demais, referente ao

Livro, a linha mais estável desta projeção. Em se tratando de um contexto estudantil, a segunda linha mais elevada é a de Aula. Fica bem evidente o aumento súbito da categoria de Áudio, consequência da inclusão de um álbum musical entre a lista de leituras obrigatórias da UFRGS em 2016. As categorias de Resumo oscilam, mas sem grande variação, com um pequeno viés de queda para os impressos. Teatro, a mais evidente das categorias que surgiram espontaneamente a partir da opção Outros, teve um aumento progressivo ao longo das três rodadas¹⁰.

Alguns contrastes merecem atenção. Leituras em Computador e em *E-book* apresentam discreto crescimento, enquanto a categoria Xerox segue em 2016 praticamente com a mesma percentagem de 2011, apesar de uma queda em 2014. No comparativo preliminar que havia sido feito durante o trabalho de pesquisa, foram cruzados inicialmente os dados de 2011 e 2014, e a categoria das fotocópias aparentava estar em queda. Curiosamente, a tendência se inverte em 2016, com crescimento no lugar de diminuição.

Resguardadas oscilações estatísticas naturais e peculiaridades das amostras de cada ano, uma explicação possível para a oscilação da categoria Xerox seria de cunho metodológico. A categoria tabulada com este nome inclui as apostilas, e esta opção pode estar registrando, em si mesma, uma composição de suportes. Algumas entrevistas com alunos, realizadas por telefone para triangulação da pesquisa, revelaram que professores de cursinho e do ensino médio distribuíam material impresso, às vezes obtido a partir de arquivos disponíveis em domínio público ou disponibilizados eletronicamente pela própria UFRGS. Um eventual aumento de distribuição de apostilas poderia estar acompanhando o aumento dos textos lidos em computador ou *e-book*, em contraste a uma queda da fotocópia propriamente dita. Assim, também, alunos entrevistados mencionaram ter descarregado textos e imprimido para ler, uma prática que poderia estar aumentando juntamente com a popularização do texto eletrônico. Comentário de um aluno em 2016: “De um modo geral, eu prefiro impresso. Mesmo quando eu baixo, eu busco imprimir.”

A composição de suportes pode estar sendo vista em outra categoria no Gráfico 5.7. As marcações em Filme oscilam de 31% em 2011 para 13% em 2014, com um aumento para 25% em 2016 que, ainda assim, é inferior ao patamar da primeira rodada. É

¹⁰ A presença consolidada da categoria Teatro, e, mais ainda, seu aumento, podem estar ligados a uma diversificação de suportes de estudo no mercado profissionalizado dos cursos preparatórios. Em 2014 uma aluna mencionava que tinha assistido a uma peça de teatro com título da lista. Em 2016, outra estudante indicou ter assistido a peças no projeto Teatro Vestiba, que descreveu como uma parceria de seu cursinho através da qual eram encenadas obras da lista de leituras do vestibular.

possível que a composição da lista da UFRGS, mudando de um ano para outro, eventualmente tenha menos títulos para os quais há adaptações audiovisuais. Porém, também há outra possibilidade, que passa por uma composição de suportes. Em 2016, aparecem pela primeira vez duas marcações de Youtube. Este ano também registrou o aumento mais pronunciado das marcações de Áudio, principalmente devido à inclusão do álbum musical mas que, como verificado em outros aspectos da pesquisa, se estendeu para todos os títulos da lista. Já na rodada de 2014, alguns dos alunos entrevistados, quando perguntados sobre as marcações em Áudio, mencionavam que haviam extraído os arquivos sonoros do Youtube. Em 2016 também houve casos similares. O formulário de resposta oferecia uma opção “viu filme ou documentário”, mas é possível que entre 2011 e 2016 tenha acontecido uma migração dos estudantes que assinalaram esta alternativa em direção às marcações individuais de Youtube ou, mesmo, de Áudio, já que alguns incluíram nela os vídeos sonoros do Youtube.

Mais do que discutir uma flutuação estatística ou pequenos detalhes amostrais, a questão da composição de categorias que pode estar sendo mascarada sob as flutuações em Xerox ou em Filme interessa porque poderia ser um sintoma de fragmentação das plataformas. Estes seriam sinais de uma multiplicação de formas de acesso que é detectável nos gráficos e tabelas na forma da própria oscilação entre as marcações escolhidas pelos estudantes. Neste caso, a aceleração da disponibilidade de meios diferentes de acesso teria ultrapassado a própria elasticidade das categorias do instrumento de coleta de dados. De uma certa maneira, poderia ser um indicativo de que algumas das transformações do ambiente de informação em que se encontram mergulhados os estudantes aconteceram de forma mais dinâmica do que o inicialmente previsto. Embora seja interessante notar que o Livro permaneceu como forma de acesso preferencial e com ampla hegemonia, deve-se pontuar que mesmo esta preferência teve peso sobre oscilações em outras categorias, como ilustrava o caso do aluno que, justamente por preferir leitura em livro, imprimia arquivos eletrônicos quando não tinha acesso aos volumes físicos. A multiplicação de suportes é um dos principais fenômenos observados pela pesquisa.

Embora a composição das listas de leitura não esteja ligada diretamente ao problema de pesquisa, ela pode ser útil para compreender fenômenos de dispersão por suporte ao indicar a presença de obras com adaptações cinematográficas ou em domínio público, que a pesquisa observou ser um dos fatores determinantes para propagação em meio eletrônico. Os Quadros 1 a 3 trazem as listas de 2011 a 2016.

Quadro 1 - Lista de leituras da UFRGS adotada no vestibular 2011

Autor	Obra
1. Basílio da Gama	O Uruguai
2. José de Alencar	Lucíola
3. Fernando Pessoa	Poemas de Álvaro de Campos ¹¹
4. Machado de Assis	Memórias Póstumas de Brás Cubas
5. Machado de Assis	Contos (O Caso da Vara, Pai contra Mãe, Capítulo dos Chapéus)
6. Eça de Queirós	O primo Basílio
7. Manuel Bandeira	Estrela da vida inteira
8. Cyro Martins	Porteira Fechada
9. Guimarães Rosa	Manuelzão e Miguilim (Campo Geral e Uma estória de amor)
10. Dias Gomes	O Pagador de Promessas
11. Rubem Fonseca	Feliz Ano Novo
12. Cristóvão Tezza	O Filho Eterno

FONTE: UFRGS¹²

Quadro 2 - Lista de leituras da UFRGS adotada no vestibular 2014

Autor	Obra
Jorge Amado	Terras do Sem Fim
Nelson Rodrigues	Boca de Ouro
Murilo Rubião	Contos
Lya Luft	As Parceiras
Gregório de Matos Guerra	Seleta ¹³
Fernando Pessoa	Alberto Caeiro (heterônimo) - O Guardador de Rebanhos
Manuel Antônio de Almeida	Memórias de um Sargento de Milícias
Machado de Assis	Esaú e Jacó
João Cabral de Melo Neto	A Educação pela Pedra
José Saramago	História do Cerco de Lisboa
Moacyr Scliar	O Centauro no Jardim
João Simões Lopes Neto	Contos Gauchescos

FONTE: UFRGS¹⁴

Quadro 3 - Lista de leituras da UFRGS adotada no vestibular 2016

Autor	Obra
Fernando Pessoa	Coletânea ¹⁵
Aluísio Azevedo	O Cortiço
Machado de Assis	Dom Casmurro
Pe. Antônio Vieira	Sermões ¹⁶ .
Caetano Veloso, Gilberto Gil, Mutantes e outros	Tropicalia ou panis et circensis (álbum/disco)
Lídia Jorge	A noite das mulheres cantoras
Tabajara Ruas	O amor de Pedro por João
Sergio Faraco	Dançar tango em Porto Alegre ¹⁷
Jorge Amado	Terras do sem fim
Nelson Rodrigues	Boca de Ouro
Murilo Rubião	Contos ¹⁸
Lya Luft	As Parceiras

FONTE: UFRGS¹⁹

¹¹ A lista completa foi retirada do quadro por conveniência gráfica.

¹² Disponível em <http://www.ufrgs.br/vestibular/cv2011/leituras.htm>. Acesso em 12/10/16

¹³ A lista completa foi retirada do quadro por conveniência gráfica.

¹⁴ Disponível em www.ufrgs.br/coperse/concurso-vestibular/antiores/2014/leituras-obrigatorias. Acesso 12/10/16

¹⁵ A lista completa foi retirada do quadro por conveniência gráfica.

¹⁶ A lista completa foi retirada do quadro por conveniência gráfica.

¹⁷ A lista completa foi retirada do quadro por conveniência gráfica.

¹⁸ A lista completa foi retirada do quadro por conveniência gráfica.

¹⁹ <http://www.ufrgs.br/coperse/concurso-vestibular/antiores/2016/concurso-vestibular-2016/leituras-obrigatorias-2016>. Acesso em 12/10/16

Considerações finais

A questão das interações de suporte do grupo de estudantes amostrado se apresenta, antes de mais nada, como um quadro complexo. Mesmo os alunos que tenham elegido apenas o suporte clássico do livro, até onde foi possível observar, incorporam resquícios da diversidade de seu meio cultural. Configurações de leitura ou estudo podem passar pela sucessiva alternância de suportes, desenhando um mapa de suportes emaranhados, como mostra o Gráfico 1, e como indicam aspectos do cotidiano informacional dos estudantes apreendidos a partir de entrevistas para triangulação.

A riqueza de formas de contato margeia e atravessa o livro, o suporte mais estável ao longo do período estudado. Talvez o mais importante *insight* proporcionado pela análise dos dados, no que tange aos suportes quando observados a partir dos usuários, seja seu caráter eletivo. Do aluno que escolhe o livro como sua única plataforma de leitura e estudo àquele que transita por diversos meios para ler um mesmo título, navegando ao longo da leitura pelo livro impresso emprestado de biblioteca, texto eletrônico no celular e xerox de cursinho, há poucas trajetórias que se repetem. Algumas opções são únicas, modeladas sob medida pelo estudante para sua conveniência ou preferência, a partir dos recursos possíveis ou disponíveis, como o jovem que baixava livros do domínio público, imprimia em sua cota de xerox e então lia fazendo anotações, ou então a aluna que gravava sua própria voz lendo um livro, depois escutava para fixar a leitura. Outros conjugam mídias para criar um espaço de leitura controlado, usando a música dos fones ou o som da televisão para cancelar ruídos de fundo. Entre os leitores que preferem o silêncio e aqueles que empregam uma cortina sonora, nota-se, sobretudo, o esforço por assumir o controle da plataforma, apropriar-se do suporte (ou conjunto deles) antes mesmo de se apropriar do conteúdo.

Também houve evidências de que este mosaico de diferentes suportes e arranjos de leitura passou por modificações ao longo do período observado, que abrange um intervalo de seis anos. Houve modificações de suporte dentro da própria composição da lista de leituras do vestibular da UFRGS. Mesmo em relação a leituras em geral os estudantes deram sinais de estar modificando o conjunto de suportes. As transformações ao longo do tempo não são indicativo suficiente para que se façam projeções sobre o futuro, porém têm relevância metodológica. Pode não ser possível especular o que as mudanças no período observado representam a longo prazo em relação a modificações no

uso de suportes e nas táticas de leitura. Porém, pode-se construir relações com as questões estruturantes de pesquisa desta área, que compartilham uma preocupação cronológica. Chartier (2001) já discutia o que as mudanças do texto eletrônico podiam vir a significar para a indústria do livro, e Darnton (2009) perguntava o que havia em comum entre livros e textos eletrônicos.

As reconfigurações no espaço de leitura e suportes, quando passam pela multiplicação de meios, são, justamente, o problema de pesquisa. Foram encontrados indícios de uma mudança progressiva, que não acontece bruscamente. Os dados podem ser vistos no comparativo geral de suportes da Tabela 2 e no Gráfico 1. Em parte, esses indicadores corroboram visões como a da ecologia de meios de Fuller (2007) e as inespecificidades de Garramuño (2014), ajudando a aprofundar a análise de transformações do panorama editorial como aquelas estudadas por Thompson (2008; 2012).

É preciso fazer uma ressalva. Há poucos indicativos sobre configurações anteriores do estado de superposição de suportes. A historiografia de área não privilegia esse aspecto, embora autores como Chartier (1998) e Darnton (2009) mencionem trânsitos entre oralidade e impresso que podem ser considerados semelhantes àqueles encontrados. Às vezes, trata-se de *insights* destes autores, ou então reconstituições realizadas a partir de método historiográfico de análise documental, portanto não empírico.

Os levantamentos envolveram um público específico e amostras limitadas, o que, tecnicamente, inviabiliza extrapolações estatísticas. Não se pode atribuir a um grupo maior do que aquele pesquisado os dados tabulados. Em parte, buscou-se observar coerências ao longo do eixo temporal como um mecanismo de aferição de confiabilidade. Também foram aplicadas técnicas de triangulação, com a realização de 31 entrevistas telefônicas, para refinar o alcance dos dados.

Apesar de se constituir em um estudo longitudinal, o trabalho não permite estabelecer previsões ou projeções, apenas antevê a utilidade de novas prospecções. Resultado de uma pesquisa de seis anos e envolvendo uma amostra de 667 pessoas, este não foi um trabalho sobre o futuro do livro ou da leitura, mas sobre o presente da Comunicação. Defende-se que tentar compreender os três momentos temporais registrados aqui, ainda que com dados apreendidos junto a um público muito específico, tem a utilidade de examinar em alguma profundidade os alicerces de transformações que, efetivamente, possam ter significado mais à frente.

Referências bibliográficas

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding new media. Cambridge: The MIT Press, 2000.

CHARTIER, Roger. Les métamorphoses du livre In: **Les rendez-vous de l'édition**: le livre et le numérique [on-line]. Paris: Éditions de la Bibliothèque publique d'information, 2001 (généré le 21 mars 2015). Disponível em: <<http://books.openedition.org/bibpompidou/1701>> Acesso em: 20 mar. 2015.

DARNTON, Robert. **The case for the books**: past, present, and future. New York: Public Affairs, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**, I (1954-1969). Paris, Gallimard, 1994.

FULLER, Matthew. **Media ecologies**: materialist energies in art and technoculture. Cambridge: The MIT Press, 2007.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

STRIPHAS, Ted. **The late age of print**: everyday book culture from consumerism to control. New York: Columbia University Press, 2011.

THOMPSON, John B. **Books in the digital age**. Cambridge: Polity, 2008.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002